



446.º SARAU

Theatro

Municipal

SEXTA-FEIRA,
12 DE JULHO DE 1940

Às 21 horas



EMPREZA N. VIGGIANI

Representação da tragedia em 5 actos, de

J E A N R A C I N E, pela

COMPANHIA FRANCEZA DO "THÉÂTRE DU
VIEUX COLOMBIER", RENÉ ROCHER, DE PARIS:

" P H È D R E "

D I S T R I B U I Ç Ã O

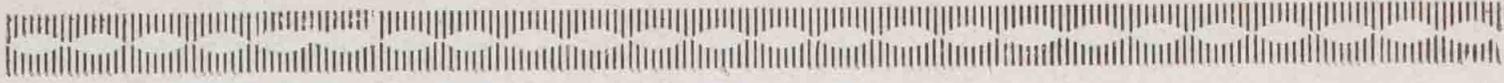
(pela ordem das entradas em scena):

Hyppolite	ROGER GAILLARD
Théramène	JOSÉ SQUINQUEL
Oénone	SUZANNE COURTAL
Phèdre	RACHEL BERENDT
Panope	RAPHAEL PATORNI
Aricie	FANNY ROBIANE
Ismène	SITA RIDDEZ
Thésé	RAOUL-HENRY

Dará inicio ao espectáculo o poema, em 1 acto, de Alfred de Musset :

"LA NUIT D'OCTOBRE"

Le Poete	RENE' ROCHER
La Muse	FANNY ROBIANE



'' PHÈDRE ''

Tragedia em 5 actos, de JEAN RACINE

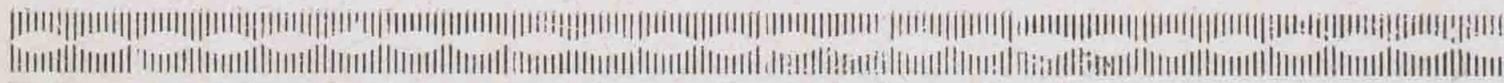
Phedra, esposa de Theseu, rei de Athenas, está loucamente apaixonada por seu enteado Hyppolito, filho de Theseu e de Antiope, rainha das Amazonas. Querendo libertar-se desse amor, que lhe causa horror, Phedra consegue obter o exilio de Hyppolito.

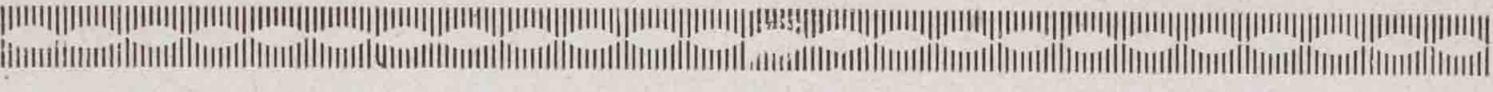
Antes de partir para uma expedição, o rei Theseu leva a rainha para Trezene. Ahi, encontra-se ella novamente com Hyppolito, que lhe desperta, mais intenso do que antes, o antigo amor aparentemente sepulto.

O rei partiu ha mais de seis mezes e o seu paradeiro é ignorado. Hyppolito quer partir em procura do pae ou, talvez, para fugir de Aricia, a quem ama. (Aricia é descendente dos reis de Athenas, achando-se exilada, longe de seus partidarios, por Theseu, que a prohibiu de contrahir nupcias).

Um navio acaba de entrar no porto, trazendo a noticia da morte de Theseu. Athenas se alvoroça e hesita ante o herdeiro que se apresenta, filho de Phedra. Hyppolito, porém, defende os direitos de Aricia, a quem confessa o seu grande amor durante um encontro que tem com ella, antes de deixar Trezene. A princeza jura-lhe corresponder a esse amor.

Ao ter conhecimento da morte do rei, Phedra, a conselho de sua ama Oénone, manda chamar Hyppolito para confessar-lhe a sua funesta paixão. A confusão do principe é grande; a rainha





entende que lhe causou horror com semelhante declaração. Supplica-lhe, então, para que elle a mate, com sua espada. Diante do silencio de Hyppolito, ella propria arrebatá-lhe a arma e tenta matar-se, no que é impedida por Oénone, que lhe detém o braço.

Theseu, que era tido como morto, apenas fôra feito prisioneiro. Eil-o de volta. Mas, em vez de encontrar uma acolhida carinhosa, como esperava, só encontra em torno de si physionomias contrariadas. Hyppolito supplica-lhe para deixal-o fugir da rainha e partir em busca de proezas dignas de seu nome.

Interrogada por Theseu, Oénone accusa Hyppolito de haver ultrajado a rainha com seu amor criminoso, tentando mesmo matal-a. Para prova de sua accusação, aponta a espada que ainda se encontra nas mãos de Phedra. Irritado, Theseu expulsa o filho, clamando contra elle a colera de Neptuno.

Hyppolito pede a Aricia que o acompanhe no exilio. Antes de partir, a princeza procura convencer o rei do erro que commettera. Nesse instante, chega a noticia de que Oénone se suicidara e que Phedra pretende seguir-lhe o exemplo. Theseu ordena que tragam Hyppolito á sua presença, pois está disposto a ouvir-lhe as explicações. É tarde, porém. Neptuno ouvira o seu clamor de vingança: Thérámène ahi vem com a noticia da morte de Hyppolito, cujo corpo fôra arrastado, pelos corseis, até as portas da cidade. O rei se desespera, e mais se accentúa a sua dôr quando Phedra, antes de expirar, confessa o seu crime, innocentando Hyppolito. Ella não quiz sobreviver á sua culpa, ingerindo um veneno mortal. Completamente desvairado, Theseu corre a beijar os restos de seu filho, cuja memoria será relembrada por Aricia, que ficará a seu lado para o resto dos seus dias.

